



Associação  
Psicanalítica  
do Vale do Paraíba

# Interpretação dos sonhos

Professora: Marcella Oliveira

Dezembro de 2014

## Sumário

<b>1. Introdução .....</b>	<b>3</b>
<b>2. O aparelho psíquico .....</b>	<b>5</b>
<b>3. Formação dos sonhos .....</b>	<b>9</b>
<b>4. A psicologia dos processos oníricos.....</b>	<b>12</b>
<b>5. Sobre o simbolismo.....</b>	<b>13</b>
<b>6. Mecanismos do sonho .....</b>	<b>13</b>
<b>7. Sonho, fantasia e delírio .....</b>	<b>19</b>
<b>8. Avaliação .....</b>	<b>21</b>
<b>9. Referências bibliográficas .....</b>	<b>22</b>

## 1. Introdução

A interpretação dos sonhos é provavelmente a obra mais importante e influente do campo da psicanálise, há mais de um século. Sua leitura atenta é obrigatória a todo estudante e recomendável a todos que se interessam pelo tema.

Neste livro, Freud (1905/2006) apresenta um modelo de aparelho psíquico, sendo o sonho o ponto de partida que lhe permitiu avançar em suas hipóteses. Este livro foi recebido com quase total indiferença pela crítica especializada, e decorridos seis anos após sua publicação, haviam sido vendidos apenas 351 exemplares.

Partindo da ideia de que o discurso manifesto do paciente oculta um outro sentido, que é o desejo inconsciente, Freud pensa a psicanálise. Na palavra psicanalítica, verdade e engano estão indissolavelmente ligados. Daí a psicanálise constituir-se, dentre entre coisas, como uma técnica de decifração. Não se trata de empreender uma descida às profundezas abissais do inconsciente; o inconsciente não corresponde às profundezas da consciência, da mesma forma que não corresponde à franja ou margem da consciência. O inconsciente diz respeito a um outro lugar psíquico, distinto da consciência, regido por leis próprias, e cujos conteúdos jamais emergem à consciência, como daria a entender a ideia do inconsciente como o profundo.

É em um sonho seu que Freud encontra seus primeiros elementos, denominado de “sonho da injeção de Irma”, disponível em Freud (1905/2006), cuja transcrição segue:

(Sonho de 23/24 de Julho de 1985). Um grande salão – muitos convidados que recebemos. Entre eles estava Irma. Imediatamente, levei-a para um lado, como se fosse para responder a sua carta e repreendê-la por não haver ainda aceito a minha “solução”. Digo-lhe o seguinte: “Se você ainda sente dores, é realmente apenas por culpa sua”. Ela responde: “Se você soubesse as dores que sinto na garganta, no estômago e na barriga... estão me sufocando”. Fico amedrontado e olho para ela. Ela parece pálida e inchada. Penso: afinal, deixei então escapar alguma coisa orgânica. Levo-a até a janela e examino-lhe a garganta. Ela se mostra um tanto resistente, como as mulheres que usam dentadura postiça. Penso comigo mesmo: no entanto, ela não precisa disso. Então ela abre bem a boca e descubro, á direita, uma grande mancha branca, e sem outro lugar avisto extensas crostas cinza-esbranquiçadas sobre notáveis estruturas crespas que evidentemente são modeladas nos cornetos do nariz. Chamo depressa o

doutor M., que repete o exame e confirma. O doutor M. tem uma aparência muito diferente da costumeira; ele está muito pálido, claudica e tem o queixo escanhado. Meu amigo Otto também está agora ao lado dela e o amigo Leopold a percute por cima do corpete e diz: “ela tem uma área surda embaixo, à esquerda”. Indica também uma região infiltrada na pele, no ombro esquerdo (o que noto, com ele, apesar do vestido)...M. diz: “Não há dúvida, é uma infecção, mas não tem importância; sobreviverá à disenteria e a toxina será eliminada...” Sabemos também diretamente de onde provém a infecção. Meu amigo Otto aplicou-lhe, não faz muito tempo, quando ela não estava se sentindo bem, uma injeção com um preparo de propil, propileno... ácido propiônico... trimetilamina (cuja fórmula vejo diante de mim, em negrito)... Não se fazem injeções dessa natureza tão levemente... Provavelmente a seringa não estava limpa.

Na época deste sonho, Freud não apenas não estava seguro dos critérios segundo os quais poderia considerar uma análise como terminada, como vivia atravessado pela questão do diagnóstico: histeria ou doença orgânica? O temor de estar tratando uma histeria como doença orgânica era constante.

Irma representa no sonho pelo menos três mulheres: ela própria, sua bela e simpática amiga e a esposa de Freud (que na época estava grávida). Sendo que o interesse de Freud está obviamente voltado para a amiga da paciente, que de boa vontade abriria a boca para ele. Prosseguir na comparação entre as três mulheres corresponderia a expor publicamente sentimentos que ele gostaria que permanecessem guardados, sobretudo sua preferência sexual pela amiga de Irma.

A interrupção das associações não foi devido ao fato de que ele nada mais tinha a dizer sobre o fragmento do sonho, mas devido ao fato de que a continuação das associações conduziria a um conteúdo comprometedor; no mínimo o desejo de ter desnudado a bela paciente.

Analisando este sonho, Freud pensa em três elementos importantes. O primeiro elemento é o que de que os sonhos possuem um sentido. O sonho é uma atividade psíquica que obedece às leis do espírito humano, ao invés de ser um produto sobrenatural ou um puro resíduo sem sentido da atividade anímica.

O segundo elemento é a afirmação de que o sonho nada mais é que uma realização de desejo inconsciente. O terceiro elemento é o que talvez encerre a maior novidade. Trata-se da afirmação de que os desejos que se realizam nos sonhos são de natureza sexual.

Todo material que compõe o conteúdo do sonho procede de nossas experiências, daquilo que foi por nós vivenciado na vigília. Esse material é recordado no sonho, embora não seja imediatamente reconhecido pelo sonhador como sendo originário de suas próprias experiências; e esta é uma das características do conteúdo onírico manifesto, a de ser experimentado pelo sonhador como algo que lhe é estranho, como não sendo uma produção sua.

A principal fonte desse material presente no sonho são as experiências infantis, experiências estas que não são recordadas nem utilizadas pelo pensamento da vigília, como tampouco são reconhecidas pelo próprio sonhador. Esse material não se torna matéria-prima do sonho pelo seu caráter extraordinário, pela relevância que pode ter tido na história da nossa infância, nada que aos olhos de um observador externo pudesse se constituir como um fato notável em nossa vida. Ao contrário, são pequenos fragmentos, detalhes sem colorido, experiências cinzas, pensamentos vagos e fugidios, que vão se constituir como matéria-prima dos sonhos.

A memória pode falsear o sonho de várias maneiras: primeiro oferecendo os aspectos menos importantes e significativos, enquanto os verdadeiramente importantes permanecem esquecidos; segundo, distorcendo e mutilando de tal forma o sonho que o que resta não possui nenhum valor para interpretação; terceiro, acrescentando material que não pertencia originalmente ao sonho; em suma, ele pode ser distorcido tanto por mutilação como por acréscimo.

O que Freud defende é que as modificações às quais o sonho é submetido não são arbitrárias, mas que obedecem ao determinismo psíquico. O importante no trabalho de restauração do que foi perdido para a lembrança consciente não é a recuperação do sonho propriamente dito; o que de fato importa são os pensamentos oníricos aos quais ele remete. E Freud é de opinião que, a partir de um único fragmento, é possível resgatar, pela análise, tudo aquilo que foi perdido pelo esquecimento.

Isto não quer dizer que uma vez obtida uma interpretação coerente, plena de sentido, tenhamos esgotado o trabalho interpretativo. Um mesmo sonho pode dar lugar a diferentes interpretações. Mesmo a interpretação mais completa, aquela que aparentemente teria fornecido

a inteligibilidade de todos os elementos do conteúdo do sonho, esbarra com um lugar de sombras, um ponto do sonho no qual o emaranhado de pensamentos oníricos não pode ser derdesemaranhado, este é o “umbigo do sonho”, o lugar onde ele se assenta no desconhecido.

O umbigo é um índice evidente da alteridade, da incompletude, da não totalização de algo. Ele aponta o inacabado essencial com que está marcada toda interpretação. Não se trata apenas do limite oferecido pela resistência, pela defesa, mas de algo mais fundamental e que diz respeito não apenas ao umbigo do sonho, mas aponta para o umbigo da própria linguagem.

Não há significado último, ou primeiro, ao qual chegaríamos regressivamente, ponto final da série significante. Quanto mais avançamos nessa tentativa de esgotar a interpretação, mais nos aproximamos desse umbigo ao qual Freud se refere, ponto de ruptura da própria interpretação. Tentar atingir esse ponto derradeiro, ponto absoluto onde a palavra (e portanto a interpretação) volta-se sobre si mesma, corresponderia, segundo Foucault (1965), a algo parecido com a experiência da loucura. Loucura da linguagem ou o silêncio da palavra.

## **2. O aparelho psíquico**

Quando um recém-nascido premido pela fome chora e agita os braços e pernas, essas respostas motoras são ineficazes para a eliminação do estado de estimulação na fonte corporal.

Este é o sentido do termo “desamparo fundamental” que Freud emprega para descrever a situação de um recém-nascido humano. O desamparo não se refere ao fato do recém-nascido ser fisicamente frágil ou a sua total incapacidade de locomoção – o que o impede, por exemplo, de sair à procura de alimento na ausência da mãe ou do adulto que cuida dele. O termo desamparo designa, mais do que qualquer coisa, a total ausência de sinais indicadores para a sua orientação quanto ao mundo circundante. Tudo no ser humano tem que ser aprendido.

Como um ser tão desorientado quanto ao mundo circundante pode sobreviver? A resposta pode estar, em primeiro lugar, no fato de, contrariamente aos demais seres que compõe o mundo animal, ser constituído, desde o começo, na relação com o outro. Um aparelho psíquico, um aparelho de linguagem, um indivíduo humano, são abstrações.

O desamparo do humano não é uma situação passageira, característica do recém-nascido, e superável com o desenvolvimento humano. Trata-se de algo que lhe é essencial e irreduzível. O desamparo está inscrito na falta de garantia dos signos da realidade, e isto não decorre de um conjunto de circunstâncias superável. A maturação do recém-nascido, a mielinização das fibras nervosas, o crescimento físico, a locomoção, etc. em nada contribuem para eliminar este desamparo, muito mais fundamental do que a limitação física, que diz respeito aos signos do mundo exterior.

O fato de que nada chega a nós a não ser passando pela linguagem, faz do ser humano um prisioneiro da linguagem, mas ao mesmo tempo lhe confere um caráter único de criar o mundo com o qual ele vai se articular. Se a ordem natural não impõe seus caminhos ao homem, este vai ter que se constituir segundo uma ordem que é a da linguagem. O mundo resultante será necessariamente um mundo humano.

Enquanto que para um animal o homem é um objeto dentre os demais, capaz de satisfazer suas necessidades ou de constituir-se como uma ameaça, o outro, para o ser humano, na medida em que é um outro falante é o mediador necessário através do qual se constitui o próprio mundo dos objetos para o sujeito.

Sob este aspecto, podemos dizer que o ser humano é, dentre todos os demais, o que apresenta maior possibilidade de adaptação. Se a pulsão, enquanto humana, é impossível de ser satisfeita porque não tem objeto próprio, ela pode, por outro lado, ser satisfeita de mil e uma maneiras pelo caminho do desejo. Neste sentido, a cultura deixa de ser um resíduo inútil da pulsão sublimada e passa a ser considerada como a multiplicação de suas possibilidades de satisfação.

O alívio da tensão só pode ser obtido através de uma ação específica, capaz de eliminar o estado de estimulação na fonte. Mas é exatamente isso que o recém-nascido não é capaz de fazer sem o auxílio de outra pessoa que fornece o alimento, no caso da fome, suprimindo então, a tensão. É a eliminação da tensão decorrente dos estímulos internos que dá lugar ao que Freud denomina vivência de satisfação.

A partir desta vivência primária de satisfação, estabelece-se uma facilitação, de tal modo que ao se repetir o estado de necessidade, surgirá um impulso psíquico que procurará reinvestir a imagem mnêmica do objeto, com a finalidade de reproduzir a satisfação original. A vivência de

satisfação gera uma facilitação entre as duas imagens-lembrança (a do objeto de satisfação e a da descarga pela ação específica). Com o reaparecimento do impulso, ou do estado de desejo, o investimento passa para as duas imagens-lembrança, reativando-as.

O que ocorre é em tudo semelhante à percepção original, só que, o objeto real não estando presente, o que ocorre é uma alucinação com o conseqüente desapontamento, já que na ausência do objeto real não pode haver satisfação. Primitivamente, portanto, o desejar estava ligado ao alucinar, o que a atividade desejante visava era a identidade perceptiva, ou seja, repetir a percepção à qual estava ligada a satisfação da necessidade.

Lacan responde que “o desejo se satisfaz alhures e não numa satisfação efetiva. Ele é a fonte, a introdução fundamental da fantasia como tal” (LACAN, 1987). O desejo nos remete para uma outra ordem que a biológica, ordem não adaptativa e que é definida pelo registro do imaginário. O desejo, como categoria psicanalítica, não é antropológico, é humano. O do sujeito do desejo que a psicanálise vai nos falar. A expressão sujeito do inconsciente surge com Lacan, e é a partir de então incorporada ao vocabulário psicanalítico.

Este sujeito, em primeiro lugar, não se identifica com o sujeito cartesiano, embora o encaminhamento de Freud seja cartesiano – no sentido de que parte do fundamento do sujeito da certeza.

O sujeito cartesiano se dá a si próprio através do *Eu penso*. Essa certeza de si é, ao mesmo tempo *minha* certeza. A certeza do “eu penso” implica, de forma imediata, no “eu existo”, isto é, a realidade substancial do ser pensante. O sujeito cartesiano é, pois, um sujeito substancial, e o que é mais importante, plenamente consciente.

Falar do sujeito do inconsciente é pois falar do sujeito do desejo. É este sujeito desejante que insiste, na e pela cadeia significante. No lugar do penso, logo sou de Descartes, Freud nos propõe um desejo, logo sou, à condição de não se confundir aquele que deseja e aquele que enuncia que deseja.

No mundo natural, toda falta de objeto será preenchida pelo próprio natural. No caso do animal, a falta é contingente, não é absoluta.

Já no caso do mundo humano, o desejo é sempre desejo de desejo, portanto, um desejo cujo objeto é um outro desejo. Se admitirmos que o que funda o desejo humano é a linguagem, e

que esta, em relação ao natural, é um vazio e não uma falta, seremos levados a concluir que o desejo humano é um vazio que se volta para outro vazio, mesmo que o eu produza a ilusão de objetos plenos. O desejo é a ilusão da falta do objeto.

A dimensão lógica do vazio nos remete, assim, a uma dimensão ontológica, a um real que, no caso da psicanálise, encontra-se para além do desejo, para além do princípio do prazer e do princípio de realidade, um real que também não se confunde com o mundo, e que diz respeito à pulsão. Esse real, jamais se faz presente enquanto tal, mas se presentifica pelos seus representantes. É esse real da pulsão que impede que os significantes, e portanto o sujeito e o desejo, sejam reduzidos a uma dimensão exclusivamente lógica. Não foi por outra razão que Lacan, ao se referir à noção freudiana de pulsão, afirmou que ela é uma noção ontológica absolutamente fundamental.

O aparato psíquico é concebido como um instrumento formado por um conjunto de elementos denominados instâncias ou sistemas. Os termos instância, com sua ressonância jurídica, e sistema, com sua conotação marcadamente tópica, não são empregados como rigorosamente sinônimos por Freud.

O aparelho psíquico é fundamentalmente um aparelho de memória. A memória é o que funda este aparelho. É a partir das ligações que constituem as primeiras fixações e a própria distinção entre neurônios retentivos e neurônios não retentivos, assim como também é a partir destes contrainvestimentos que o aparelho psíquico começa a se estruturar. A partir daí, cria-se uma preferência pelo caminho tomado pela excitação. A memória está constituída pelas diferenças nas facilitações entre os neurônios.

As percepções, que em si mesmas não constituem memória, vão dar lugar às primeiras inscrições que passam a funcionar como signos de percepção. Estes signos de percepção formam o primeiro registro mnêmico, ainda não estruturado como linguagem, mas organizado de acordo com a associação por simultaneidade.

Embora elementos pertencentes ao sistema pré-consciente participem da formação do sonho, é no inconsciente que se situa o desejo, força impulsora e ponto de partida para a formação do sonho e; como todos os desejos inconscientes, ele esforça-se por encontrar uma expressão consciente.

O aparelho psíquico de *A interpretação do sonho* não faz referência a neurônios ou a quaisquer outras entidades materiais, seus referentes são ideias, representações, pensamentos, desejos, sonhos, linguagem. Isto não significa que este aparelho prescindia de um suporte material, que o aparato neuronal possa ser desprezado, mas sim que, do ponto de vista teórico-explicativo, passamos de um modelo mecânico (ou, na melhor das hipóteses, termodinâmico) para um modelo lógico.

O que importa no modelo de *A interpretação do sonho* não é a localização espacial dos sistemas, mas a estrutura topológica do aparelho, isto é, a posição relativa que os sistemas ocupam uns em relação aos outros.

A percepção não capta estruturas, algo já organizado, mas sim elementos sensoriais dispersos que serão posteriormente organizados. Como o aparelho recebe impressões elementares, atomísticas, e como os traços mnêmicos são traços de impressões, os primeiros sistemas são constituídos apenas por imagens elementares, exatamente as que serão reativadas quando do funcionamento regressivo do aparelho. Na regressão, a contextura dos pensamentos oníricos é reduzida a sua matéria-prima, isto é, reduzida às imagens sensoriais que lhe deram origem. Na regressão o processo psíquico fica despojado desses nexos lógicos e das formas mais elaboradas de expressão, reduzindo-se às imagens perceptivas.

Se os desejos produtores dos sonhos são, em última análise, desejos inconscientes (pertencentes ao sistema inconsciente), isto não quer dizer que os desejos do pré-consciente/consciente não participem da formação do sonho. Seu papel é secundário, mas nem por isso sem importância. Os desejos pré-consciente/consciente não apenas funcionam como disparadores do sonho, como possibilitam ainda aos desejos inconscientes uma solução de compromisso, tal como acontece com as demais formações do inconsciente.

A formação dos sonhos segue uma das três possibilidades no aparelho psíquico:

- 1) Pré-consciente: o desejo formador do sonho pode ter sido despertado durante o dia e por motivos puramente exteriores não ter sido satisfeito; esse desejo admitido, mas não satisfeito tem sua tramitação adiada para a noite.

- 2) Pré-consciente/consciente: o desejo pode ter sido despertado durante o dia, mas em razão de um repúdio ter sido reprimido. Este mecanismo exclui da consciência atual um determinado conteúdo sem que este passe a pertencer ao inconsciente recalçado.
- 3) Inconsciente recalçado: um desejo que não possui nenhuma relação com a vida diurna atual e que se torna ativo apenas durante o sono.

A estas três, Freud acrescenta uma quarta, que são as moções de desejo que surgem durante a noite, estimuladas, por exemplo, pela sede ou pelas necessidades sexuais.

Para que um desejo pré-consciente/consciente possa induzir um sonho, é necessário que ele receba um reforço proveniente de um outro lugar, e este lugar é o inconsciente. O desejo inconsciente só se torna excitador de um sonho se consegue despertar outro desejo paralelo, inconsciente, através do qual se reforça.

Os sonhos penosos são também sonhos de desejo. Seu caráter desagradável vem do fato de que seu conteúdo escapou em parte à ação deformadora imposta pela censura, deixando aflorar um desejo inconsciente que, por ser inaceitável pelo eu do sonhador, produziu ansiedade.

Um outro tipo de sonho desagradável são os sonhos de punição. Apesar de desagradáveis, correspondem também a realização de desejos: o desejo do sonhador de se punir por ter um desejo proibido.

Seriam os sonhos apenas realizações de desejo? Quis seriam outras atividades psíquicas indutoras do sonho?

A precondição ideal para o dormir poderia ser a suspensão provisória dos investimentos do pensamento de vigília. Embora isto aconteça em parte, raramente ou nunca acontece de maneira completa. Problemas não resolvidos, preocupações intensas, excesso de impressões, podem fazer com que a atividade de pensamento prossiga durante o sono e se mantenha num nível pré-consciente, de tal maneira que passem a integrar a atividade onírica.

Esses restos diurnos podem ser de diferentes tipos: tarefas não concluídas, problemas não resolvidos, pensamentos rejeitados ou suprimidos, impressões diurnas indiferentes, e que por serem indiferentes não foram tratadas e, finalmente, aquilo que do inconsciente foi colocado em ação pela atividade pré-consciente diurna.

Freud não elabora sua teoria dos sonhos apoiado na consideração do conteúdo manifesto e sim na consideração dos pensamentos latentes inconscientes. E no caso dos sonhos penosos, o caráter desagradável recai sobre o conteúdo manifesto.

### **3. Formação dos sonhos**

As imagens do sonho não têm o valor de imagens, isto é, não retiram seu significado das coisas que supostamente representam, mas da articulação que mantêm com outras imagens.

O sonho de Irma pode ser visto sob um duplo registro. Num primeiro registro, trata-se de um sonho que como tantos outros Freud empenha-se em decifrar e que não apresentaria nenhuma razão especial para ser considerado paradigmático. Num segundo registro, trata-se de um sonho ao qual Freud agrega suas associações, seus comentários, e também encerra um enigma, poderíamos mesmo dizer que ele encerra o enigma, e este não se reduz aos vários sentidos que podemos constituir a partir dos seus vários fragmentos, mas o enigma que surge do próprio processo de descoberta que Freud vinha empreendendo há alguns anos: o enigma do inconsciente.

Freud descreve o aparato anímico entendido como um aparelho de linguagem. Não é um aparelho que o indivíduo já traga com ele ao nascer, pronto e acabado, analogamente aos aparelhos físicos que compõe o corpo biológico. O aparelho de linguagem forma-se aos poucos, elemento por elemento, na relação com um outro aparelho de linguagem, e é apenas por referência a este outro que ele funciona. É importante que se entenda esse “outro” como sendo outro aparelho de linguagem, e não como sendo o mundo. É apenas no seio de uma pluralidade de aparelhos de linguagem que um novo aparelho de linguagem poderá surgir.

Nesse aparelho, as palavras adquirem seu significado pela relação que a imagem acústica do complexo representação-palavra mantém com a imagem visual do complexo formado pelas associações de objeto. A percepção não oferece objetos com os quais a palavra vai se articular para obter seu significado. A percepção pura e simplesmente não oferece objetos. Aquilo que ela recebe do mundo não são imagens de objetos, mas imagens elementares – visuais, táteis, acústicas, que vão constituir o complexo das associações de objeto. Essas associações, por si mesmas, não formam uma unidade, não formam um objeto; é apenas na associação com a

representação-palavra que essa unidade vai surgir. É a palavra que constitui o objeto como objeto, e é este que fornece à palavra o seu significado. Portanto, o que fornece ao objeto seu significado e sua unidade, não é a coisa externa, mas as articulações das associações de objeto com a palavra.

A parafasia, por exemplo, é uma perturbação da linguagem na qual o discurso bem arrumado é invadido ou atropelado por uma má-formação, de tal forma que uma palavra adequada é substituída por outra menos adequada, mas que mantém com ela uma certa relação. É o caso, por exemplo, da troca, numa frase, da palavra Butter (manteiga) pela palavra mutter (mãe), ou ainda da fusão de palavras, como Vutter no lugar de Mutter (mãe).

Freud atribui extrema importância à memória ao transcrever frases como “Nada do que tenhamos possuído alguma vez no espírito pode perder-se inteiramente”, ou ainda: “toda impressão, mesmo a mais insignificante, deixa um traço inalterável, indefinidamente capaz de ressurgir um dia”. Freud fala em traços de memória, e não da lembrança de um acontecimento. Embora os traços sejam permanentes, a memória é sempre diferencial.

A memória, segundo Freud, consiste precisamente nessa repetição diferencial. Não é um processo mecânico pontual, não é a reprodução sempre idêntica de um traço imutável, mas um processo que implica um diferencial de valor entre caminhos possíveis.

Outro fato que atesta a importância da memória na teoria de Freud é a sua tese sobre as lembranças encobridoras, que são recordações de acontecimento infantis que se caracterizam pela insignificância de seu conteúdo, mas que, apesar disso, não apenas foram esquecidos como permaneceram na memória com uma nitidez surpreendente. Estas lembranças encobrem outras, estas sim importantes, numa solução de compromisso semelhante a do sintoma. O fato recordado permanece não porque é importante, mas é importante porque permanece e, enquanto resíduo arqueológico da história do indivíduo, funciona como índice do recaiado.

Um terceiro fato importante sobre a memória na teoria freudiana é a amnésia infantil, responsável pelo esquecimento de quase todos os acontecimentos dos primeiros anos de vida de um indivíduo. É a partir desse esquecimento que Freud postula uma pré-história da sexualidade do indivíduo. É a partir desta sexualidade, sobre a qual incide de forma radical o esquecimento, que ele vai elaborar a teoria psicanalítica das neuroses.

Freud desenvolve sua teoria da memória em torno da noção de traço. Ele emprega o termo *imagens mnêmicas* para designar os traços inconscientes. Os traços mnêmicos são em si inconscientes, embora possam tornar-se conscientes. Todo traço é traço de uma impressão. Sua formação depende de dois fatores: da intensidade da impressão e da repetição. Esta reedita, reinscreve a mesma impressão.

A partir destes conceitos, Freud propõe que pensemos o sonho como uma escritura psíquica. O sonho é uma encenação, mas não de um texto prévio que ele traduz em imagens; ele é o próprio texto, escritura feita de elementos pictográficos originais que não obedece a nenhum código anterior a ela própria. Mesmo quando utiliza elementos já codificados, quando recorre ao léxico da cultura, o sonho os submete a uma sintaxe própria. “O sonhador inventa sua própria gramática” (DERRIDA, 1971), o que nos transforma em leitores decifradores se queremos apreender seu significado.

Sem dúvida há alguma distorção. Não há texto original, texto primeiro ao qual o sonhador impõe distorções protetoras do significado original. Não se trata de uma repetição do mesmo, do idêntico, mas de algo que se produz, a cada vez, a partir de uma matéria-prima que não é, ela própria, um texto original. O que Freud tenta mostrar é que o sonho é um amontoado caótico de imagens sem sentido apenas se o encaramos do ponto de vista da organização pré-consciente, se tentamos impor-lhes a lógica que rege os processos conscientes. Esses mesmos sonhos, quando submetidos a uma análise a partir da teoria do inconsciente, revelam uma lógica própria capaz de desvelar toda a sua coerência e de nos indicar suas múltiplas possibilidades de sentido.

O sonho obedece a um modo de elaboração semelhante ao das cartas enigmáticas, ou, mais precisamente, ao do rebus. Tal como num ideograma, as imagens do sonho não remetem às coisas que elas supostamente representariam, mas remetem umas às outras produzindo um significado que nada tem, necessariamente, a ver com as referidas coisas.

Outro fator responsável pela não identificação imediata do sonho com a escritura é a distorção a que ele é submetido por efeito da censura. Um sonho não é apenas um texto, mas o texto de uma mensagem cifrada, que cabe ao destinatário decifrar. Uma vez que o aparelho de linguagem é considerado como um aparelho cuja construção se faz numa relação com o Outro, sendo este Outro entendido como um outro aparelho de linguagem, e não como a exterioridade

do mundo, justifica-se a tese de que o sonho não se esgota em si mesmo, mas se dirige ao Outro, destinatário-intérprete, numa relação da qual resultará o seu sentido.

Aquilo que o sonho faz apela é a fala, a fala do próprio sonhador e a fala do Outro, apenas neste sentido ele pode ser considerado um texto ou, mais especificamente, uma mensagem. Esta mensagem é dirigida ao Outro. Tal como a garrafa lançada ao mar, ela não tem como destinatário um sujeito singular determinado, não é dirigida a esta ou aquela pessoa, mas a um lugar: à ordem simbólica. O Outro é aquele que recolhe a garrafa e se dispõe a decifrar a mensagem, e isto só é possível se ele está situado neste grande Outro que é a ordem simbólica.

#### **4. A psicologia dos processos oníricos**

Freud (1900/2006) impressionou-se com o sonho que uma paciente lhe trouxe, o qual foi visto por ela numa conferência sobre os sonhos, cujo conteúdo envolve estes elementos:

Um pai estivera de vigília à cabeceira do leito de seu filho enfermo por dias e noites a fio. Após a morte do menino, ele foi para o quarto ao lado descansar, mas deixou a porta aberta, de maneira a poder enxergar de seu quarto o aposento em que jazia o corpo do filho, com velas altas a seu redor. Um velho foi encarregado de velá-lo, e se sentou ao lado do corpo, murmurando preces. Após algumas horas de sono, o pai sonhou que seu filho estava de pé junto a sua cama, que o tomou pelo braço e sussurrou em tom de censura: “Pai, não vês que estou queimando?” Ele acordou, notou um clarão intenso no quarto ao lado, correu até lá e constatou que o velho vigia caíra no sono e que a mortalha e um de seus braços do cadáver de seu amado filho tinham sido queimados por uma vela acesa que se tombara sobre eles.

A explicação dada a este sonho pelo conferencista foi simples: o clarão de luz chegou pela aberta aos olhos do homem adormecido e o levou à conclusão a que teria chegado se tivesse acordado, ou seja, que uma vela caída havia ateado fogo em alguma coisa nas proximidades do corpo. É possível até que, ao dormir, ele sentisse uma certa preocupação de que o velho não fosse capaz de cumprir sua tarefa.

Freud acrescenta que o conteúdo do sonho deve ter sido sobredeterminado e que as palavras proferidas pelo menino devem ter sido compostas de expressões que ele realmente proferira em vida e que estavam ligadas a acontecimentos importantes no espírito do pai. Por exemplo: “Estou queimando” pode ter sido dito em meio à febre da doença fatal da criança e “Pai não vê?” talvez tenha sido derivado de outra situação altamente carregada de afeto que nos é desconhecida.

Observamos também que esse sonho abrigou a realização de um desejo. O filho morto comportou-se no sonho como vivo, ele próprio advertiu o pai, veio até sua cama e o segurou pelo braço, tal como provavelmente fizera na ocasião de cuja lembrança se originou a primeira parte das palavras da criança no sonho. Em nome da realização desse desejo, o pai prolongou seu sono por um momento. O sonho foi preferido a uma reflexão desperta, porque podia mostrar o menino vivo mais uma vez.

Aceitamos como igualmente importante interpretar tanto os componentes mais ínfimos, menos destacados e mais incertos do conteúdo dos sonhos, quanto os que são preservados com mais nitidez e certeza. Ao interpretar sonhos, atribuímos idêntica importância a cada um dos matizes de expressão linguística em que eles nos foram apresentados. Em suma, o sonho é uma Sagrada Escritura.

## 5. Sobre o simbolismo

É graças à linguagem que o homem é capaz de simbolizar, entendendo-se por isto a capacidade que ele tem de estabelecer uma relação entre o real e o signo, este último entendido como um representante do real, relação esta que será de significação.

Saussure toma o signo linguístico como formado pela união de um significado e um significante, entendendo por significado o conceito e não a coisa, de tal modo que nada uma de maneira necessária o significado “árvore” à sequência de sons que lhe servem de significante, tanto que o mesmo significado pode estar ligado aos significantes *arbor*, *arbre*, *tree*, o que atestaria a arbitrariedade do signo.

Afirmar que os símbolos possuem um significado constante corresponde não apenas a afirmar uma relação fixa e constante entre o significante e o significado, como também aceitar a

tese de significados primordiais ou uma ligação arcaica entre o símbolo e o objeto que ele representa.

É a dependência fundamental do aparelho psíquico com relação à linguagem que faz com que Lacan e Derrida, cada um a sua maneira, afirmem que o aparelho psíquico não é psíquico, mas simbólico.

Se o discurso científico é a expressão mais forte da coerência metonímica, o discurso poético é o lugar cultural por excelência da linguagem metafórica.

## **6. Mecanismos do sonho**

Durante o sono, a parte voltada para o sistema perceptivo tem prevalência sobre a parte voltada para os processos de pensamento, e a razão disso é simples: o processo de pensamento tem que ser detido para que se mantenha o sono.

Freud admite que o processo onírico não segue necessariamente a ordem anteriormente descrita - primeiro o desejo onírico, depois a deformação, depois o percurso regressivo. Mas, que o percurso da excitação se dá em zigue-zague, de um lado para o outro, até que se fixa em uma direção mais oportuna. Uma vez tendo reativado o sistema perceptivo, o sonho passa a receber o mesmo tratamento que as demais coisas percebidas, sendo submetido à elaboração secundária e, em função de sua intensidade, atraindo para si a consciência.

Como as demais formações do inconsciente, o sonho está a serviço de ambos os sistemas (Pré-consciente/consciente e inconsciente) e procura satisfazer aos desejos de ambos, na medida em que eles são compatíveis um com o outro. A ressalva introduzida por Freud tem o propósito de assinalar a possibilidade de fracasso desse compromisso. É o caso, por exemplo, de um desejo inconsciente que ressoe com tanta violência no pré-consciente/consciência que o sonho, ao invés de funcionar como guardião do sono, provoca o despertar súbito. Neste caso, o sonho fracassou em seu propósito.

Os sonhos existem porque o inconsciente recalcado não obedece ao desejo de dormir que pertence ao eu. Como consequência do recalçamento, a parte recalcada do inconsciente adquire uma certa independência com relação ao eu, mantendo os investimentos que lhe são próprios.

Estes investimentos, mantidos em estado de alerta permanente, impedem que se estabeleça o estado de narcisismo absoluto que se exige para o sono; apenas os investimentos emitidos pelo eu são recolhidos, a parte correspondente ao recalcado não obedece ao desejo de dormir.

Em todos os casos, o que acontece na formação do sonho é o caminho regressivo tomado pela excitação até chegar à percepção despertando a consciência. O trabalho do sonho culmina, portanto, com a transformação do pensamento (que havia tomado um caminho regressivo e se transmutado numa fantasia de desejo) numa percepção consciente que é submetida à elaboração secundária.

Quando se dá a experiência de satisfação, estabelecem-se caminhos facilitadores entre os investimentos correspondentes à percepção do objeto que produziu satisfação e os neurônios do núcleo do sistema. A partir de então, a satisfação fica ligada tanto à imagem do objeto como à imagem da descarga. Quando reaparece o estado de urgência, ambas as imagens são reinvestidas, sendo que sua reativação vai produzir algo idêntico à percepção original do objeto, sua imagem. A diferença, nesse caso, é que o objeto real está ausente. O que se produz, portanto, não é a percepção do objeto, mas a alucinação do objeto. O resultado só pode ser o desapontamento e o desprazer.

A esse modo de funcionamento do sistema inconsciente, Freud denomina processo primário. Do ponto de vista econômico, a energia psíquica circula livremente de uma representação para outra segundo os mecanismos de deslocamento e de condensação, e a tendência desse modo de funcionamento é de reinvestir as representações ligadas à vivência de satisfação e, portanto, a realização alucinatória do desejo. O processo primário, regido pelo princípio de prazer, caracteriza o modo de funcionamento do sistema inconsciente.

O processo secundário, por sua vez, caracteriza-se por um bom investimento do eu e por uma inibição dos processos primários, sendo seu objetivo a identidade de pensamento e não mais a identidade de percepção. Do ponto de vista tópico, os processos secundários caracterizam o sistema pré-consciente. Freud deixa claro que a oposição processo primário / processo secundário diz respeito ao sistema inconsciente, não correspondendo, portanto, necessariamente, à distinção entre inconsciente e consciência.

As imagens que formam o sonho não têm o valor de imagens, isto é, não retiram seu significado das coisas que supostamente representam, mas da articulação que mantém com outras imagens, o que culmina em ausência de sentido e caráter desconexo.

Contrariamente àqueles que julgavam que a noção de inconsciente somente poderia conduzir ao lugar do mistério e do irracional, Freud nos começa a revelar, a partir do sonho de injeção de Irma, a racionalidade do inconsciente. O que aterrorizava Freud não era a irracionalidade do inconsciente, mas precisamente a sua racionalidade. Frente ao irracional e ao instintivo, nada temos a fazer senão, na medida do possível, conter seus efeitos indesejáveis; frente a um inconsciente estruturado, desejante e dotado de uma racionalidade própria, aquilo com que temos de nos defrontar é a carga desse desejo.

Freud conclui sua análise do sonho de injeção de Irma com a afirmação de que, após o trabalho de interpretação, todo sonho se revela como uma realização de desejo. Isto nos remete a dois registros distintos do sonho: um registro consciente, que é o do sonho tal como dele temos conhecimento, aquilo que do sonho é imediatamente acessível ao sonhador; e um outro registro, completamente inacessível a consciência do sonhador, que corresponde ao desejo inconsciente.

A tese de Freud é de que o primeiro registro (o consciente) é um substituto do segundo registro (o inconsciente), do qual o sonhador detém um saber que não lhe é acessível de forma imediata. A estes distintos registros Freud denomina, respectivamente, conteúdo manifesto do sonho e pensamentos latentes do sonho.

Aquilo a que o sonhador tem acesso é ao conteúdo manifesto, isto é, ao sonho sonhado e recordado por ele ao despertar. Este é substituto distorcido de algo inteiramente distinto e inconsciente que são os pensamentos latentes. Estes são a matéria-prima do sonho manifesto, mas é apenas por meio deste último que podemos chegar aos pensamentos latentes.

O processo pelo qual os pensamentos latentes são transformados em conteúdo manifesto é denominado por Freud de trabalho do sonho, e o trabalho oposto, que consiste em se chegar aos pensamentos latentes partindo-se do conteúdo manifesto, trabalho de interpretação.

A ausência de sentido e o caráter desconexo constitui o índice de distorção a que foram submetidos os pensamentos latentes, e são estes os elementos que interessam mais intensamente à tarefa de interpretação. Quanto mais trivial, disparatado e desinteressante é um

elemento do sonho manifesto, e quanto mais o sonhador se recusa a oferecer associações a este elemento alegando a sua não importância, mais ele se mostra importante para o trabalho de decifração, posto que são precisamente eles que poderão conduzir ao desejo inconsciente e à solução do sonho.

Freud refere-se ao conteúdo manifesto e aos pensamentos latentes como sendo diferentes modos de expressão, compreendendo signos e leis de articulação distintos. Uma diferença de linguagens, portanto, e não uma diferença como a que existe entre duas línguas.

Embora Freud tente estabelecer através de generalizações um código mínimo comum, ele mesmo concorda que se trata de uma tarefa extremamente difícil, posto que o mesmo conteúdo onírico pode ter significados diferentes em diferentes pessoas ou na mesma pessoa em diferentes momentos. Isto praticamente eliminaria a possibilidade de se conceber o trabalho do sonho como uma tradução dos pensamentos latentes em conteúdos manifestos.

A interpretação não incide sobre o conjunto dos elementos que compõe esse rebus tomado como uma totalidade, mas sobre os elementos isolados, fragmentos do conteúdo manifesto capazes de serem substituídos por uma palavra ou mesmo por uma sílaba no trabalho de interpretação. Cada elemento funciona como significante que o trabalho de interpretação procura articular com os demais, de modo a fornecer o sentido do sonho.

Esse modo de proceder é o que distingue o método de interpretação proposto por Freud daqueles outros que o precederam: O método da interpretação simbólica e o método da decifração. Enquanto o primeiro considera o sonho como uma totalidade, procurando substituí-la por outra que lhe seja análoga e que forneça a sua inteligibilidade, o método da decifração considera o sonho em seus elementos tomados separadamente, cada um funcionando como um sinal criptográfico a ser substituído por outro, segundo uma chave fixa.

Na opinião de Freud, ambos os métodos de interpretação padecem de defeitos graves: o método de interpretação simbólica é demasiadamente restrito, impreciso e difícil de ser generalizado; fica por demais dependentes dos dons peculiares do intérprete, da sua capacidade intuitiva para atingir uma ideia arguta que expresse o sentido oculto do sonho. O método da decifração, por sua vez, tem como defeito principal ser dependente de uma “chave” de interpretação, algo análogo a um dicionário dos sonhos, a partir da qual cada elemento será substituído por outro que fornecerá o significado último do sonho.

A censura e a resistência atrapalham o processo de interpretação. A censura é apontada por Freud como sendo responsável pela deformação a que são submetidos os pensamentos latentes pelo trabalho do sonho. A resistência designa tudo aquilo que no trabalho analítico se opõe á interpretação, ou, para tomarmos a definição de Freud é letra, tudo aquilo que perturba a continuação do trabalho analítico é resistência. Freud pensa a resistência como uma forma de objetivação da censura.

A censura é a responsável pela principal deformação onírica. Essa deformação pode se fazer pelas lacunas impostas ao conteúdo manifesto, pelo reagrupamento do material, pelo deslocamento da ênfase de um elemento para outro e pode se dar até mesmo em função do sonho ser feito predominantemente de imagens, o que acarreta uma perda de expressão dos elementos mais abstratos, assim como dos elementos de relação do pensamento latente.

Se os pensamentos latentes são censurados, isso se deve a dois fatores: o primeiro deles é o fato dos pensamentos serem desejos proibidos; o segundo é o de serem construídos da mesma forma que os pensamentos conscientes e, portanto, imediatamente identificáveis em seu conteúdo. É para não serem identificados que eles são deformados.

Quanto à natureza destes pensamentos, razão pela qual permanecem ocultos para a consciência, vimos tratarem-se de desejos que expressam o que de pior existe no homem: da mais desvairada perversão sexual às tendências mais agressivas e destrutivas que somos capazes de imaginar. O que leva Freud a afirmar que a psicanálise nada mais fez do que confirmar a máxima de Platão, segundo a qual os bons são os que se contentam em sonhar com aquilo que os maus executam em realidade.

A *condensação* designa o mecanismo pelo qual o conteúdo manifesto do sonho aparece como uma versão abreviada dos pensamentos latentes. O conteúdo manifesto é sempre menor do que o conteúdo latente, sendo que o inverso não se verifica nunca, jamais o conteúdo manifesto pode ser maior do que o latente. É impossível determinar-se a cota de condensação, daí nunca poder-se estar seguro quanto a ter interpretado um sonho exhaustivamente.

A condensação opera de três maneiras: primeiro, omitindo determinados elementos dos pensamentos latentes; segundo, permitindo que apenas um fragmento do conteúdo latente apareça no sonho manifesto; terceiro, combinando vários elementos do conteúdo latente que possuem algo em comum num único elemento do conteúdo manifesto.

Um exemplo de condensação no sonho pode ser dado pelo fato de uma pessoa do sonho manifesto estar representando várias pessoas do conteúdo latente. Assim, esta pessoa do sonho manifesto pode ser parecida com uma pessoa A do conteúdo latente, mas ter gestos e atitudes parecidos com os da pessoa B, estar vestida como a pessoa C e ter a profissão da pessoa D. A estes pontos de entrecruzamento de vários pensamentos Freud denomina *pontos nodais*.

O segundo mecanismo do trabalho do sonho, tão importante quanto o anterior, é o *deslocamento*. Tal como a condensação, o deslocamento é efeito da censura onírica, e opera basicamente de duas maneiras: a primeira, pela substituição de um elemento latente por um outro mais remoto que funcione em relação ao primeiro como uma simples alusão; e a segunda maneira, mudando o acento de um elemento importante para outros sem importância.

À diferença da condensação cujo efeito de distorção não chega a impedir o rastreamento do sentido oculto, o deslocamento pode tornar impossível encontrar o caminho que conduz da alusão (sonho manifesto) ao pensamento latente. Mais ainda do que a condensação, o deslocamento é efeito da censura, e a dificuldade de se rastrear o sentido oculto resulta do fato de que nos deslocamentos os laços que formam a trama das representações são externos e estranhos aos elementos latentes. Daí o caráter de estranheza de que se reveste o conteúdo manifesto.

A tese central de *A interpretação do sonho* é que o próprio sonho é uma linguagem. Concordar com Freud que o sonho é um enigma em imagens corresponde a aceitar a tese de que o sonho é uma escritura psíquica cujas imagens não devem ser consideradas em seu valor de imagem, mas em seu valor significativo. Há um deslizamento incessante do significado sobre o significante e é a rede do significante, pelas suas relações de oposição, que vai constituir a significação do sonho.

O efeito de *distorção* produzido pelo trabalho do sonho é resultado desse deslizamento do significado sob o significante, distorção operada pelos mecanismos de condensação e de deslocamento. O que Lacan faz é assimilar esses mecanismos à metáfora e à metonímia. Na condensação temos uma sobreposição dos significantes dando origem à metáfora; no deslocamento, pela substituição dos significantes com base na contiguidade, temos o equivalente da metonímia.

A *elaboração secundária* consiste na modificação imposta ao sonho, pelo sonhador, a fim de que apareça sob a forma de uma história coerente e compreensível. A finalidade da elaboração secundária é fazer com que o sonho perca sua aparência de absurdidade, aproximando-se do pensamento diurno.

A elaboração secundária não está presente apenas no momento do relato do sonho conferindo-lhe uma forma inteligível. Muito daquilo que atribuímos ao sonho pertence realmente à elaboração secundária, e isto independentemente da elaboração do relato do sonho. Assim, um determinado estímulo despertador (que pode ser, por exemplo, o próprio soar do relógio despertador) pode integrar-se à recordação do sonho como fazendo parte do sonho enquanto sonhado pelo sonhador e não enquanto recordado por ele. Da mesma forma, no despertar, pode ser ativada uma fantasia com todos os seus detalhes, que, acrescentada ao sonho, dá a impressão de que se passou quando o sonhador estava dormindo, enquanto na verdade foi acrescentada ao conteúdo onírico no momento do despertar. Esta fantasia inconsciente já estava pronta a espera de uma oportunidade de expressão que pode ter surgido com um estímulo despertador adequado.

A *sobredeterminação* designa o fato de uma formação do inconsciente, seja ela um sonho, um sintoma ou um ato falho, ter uma multiplicidade de fatores determinantes. O sentido de um sonho, por exemplo, nunca se esgota numa única interpretação, e isso em razão da *sobredeterminação*.

A *sobredeterminação* atinge tanto o sonho considerado como um todo, como seus elementos considerados isoladamente. Num único sonho reúnem-se várias realizações de desejo, sendo que um sentido encobre outros numa série que, a rigor, não tem primeiro termo. O que Freud afirma sem hesitação é que os sentidos encobertos remetem a desejos infantis. Essas séries que se recobrem formam uma trama com inúmeros pontos de entrecruzamento, denominados por Freud de *pontos nodais*.

Não é possível interpretar todos os sonhos por força das resistências, mas é sempre possível caminhar um pouco. Muitas vezes uma série de sonhos está baseada num fundo comum. Diferentes sonhos na mesma noite têm em geral o mesmo conteúdo latente. Nesses casos, a interpretação é feita em conjunto. No caso de sonhos consecutivos, às vezes o segundo toma como central um tema periférico do primeiro, o que leva a interpretações complementares.

## 7. Sonho, fantasia e delírio

Nascida do abandono da técnica da hipnose, a psicanálise é uma experiência que, ao contrário de hipnotizar o sujeito, visa revelar aquilo que já o hipnotiza desde sempre, desde sua própria constituição. A *alienação*, por ser um "fato mesmo do sujeito", segundo Lacan, ou seja, estruturante, nem por isso deixa de ser alienação. O despertar em jogo na análise indica, por sua vez, o caminho da *separação*.

A obra de Freud se inaugura com a *Deutung* dos sonhos e, a partir dela, é a operação sobre o campo do sentido que ele irá operar. A interpretação dos sonhos inaugura a descoberta da psicanálise e, para Freud, a função do sonho é fundamentalmente a de ser um "guardião do sono". Na carta de 9/6/1899, durante o período de escrita de *A interpretação dos sonhos*, Freud escreve a Fliess: "Invariavelmente, o sonho visa a realizar *um* desejo que assume diversas formas. É o desejo de dormir! Sonhamos para não ter que acordar, porque queremos dormir. *Tant de bruit [pour une omelette]...*" (FREUD, 1986, p.355).

"O desejo de dormir é, de fato, o maior enigma". É precisamente naquele momento em que algo do real tenta imiscuir-se no sonho, como no sonho de angústia, que o sujeito acorda. Paradoxalmente, o sujeito acorda, diz Lacan, para prosseguir dormindo, isto é, fantasiando.

Há uma relação íntima entre o sonho e a fantasia. Se todo sonho é a realização de um desejo, a fantasia é o suporte do desejo. "Nossos sonhos nada mais são do que fantasias"· Freud frisa isto no artigo "O poeta e o fantasiar" (1908/2006, p.131) , que sofreram a ação da censura e emergiram deformadas e distorcidas. A mesma ação da fantasia inconsciente, em torno da qual o sonho e o devaneio (fantasia consciente) se constroem, irá constituir para o sujeito, na vida de vigília, sua relação com a realidade, ou, melhor dizendo, sua própria realidade, uma vez que a realidade é, em essência, realidade psíquica.

A fantasia ocupa a elaboração freudiana durante um longo período, que podemos denominar "período áureo da fantasia", situado entre 1907 e 1911, que se estende desde o ensaio sobre a *Gradiva* de Jensen até o texto metapsicológico sobre a fantasia, "Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental". Durante esse período, Freud tematiza a questão da fantasia em diversos pequenos artigos, todos eles dedicados a tratar da fantasia em suas

diferentes manifestações, em sua relação com o sintoma e o ataque histérico, as teorias sexuais infantis e a criação literária.

O que interessa observar é que, apenas ao cabo desse longo período de estudo aprofundado da fantasia, Freud consegue extrair a complexa lógica inerente ao delírio na psicose: em 1910, Freud escreve o texto sobre o caso Schreber e também o artigo metapsicológico já citado sobre a fantasia: "Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental", ambos publicados em conjunto em 1911, no mesmo volume da revista *Jahrbuch*. A postulação freudiana do delírio enquanto uma tentativa de cura da psicose isto é, segundo minha hipótese descrita a seguir, enquanto tentativa de restabelecer o plano fantasístico rompido pelo fracasso do recalque originário na psicose não pôde prescindir da compreensão da função essencial da fantasia no psiquismo: uma verdadeira função de "ponte" entre o princípio de prazer e o princípio de realidade. A esse respeito, é digno de nota que é precisamente em "Formulações sobre os dois princípios" que Freud introduz, pela primeira vez em sua obra, a oposição entre princípio de prazer e princípio de realidade (FREUD, 1911b/2006, p.224).

Minha hipótese: a fantasia fundamental só entra em cena a partir da operação do recalque originário, cujo efeito primordial será o da instalação dessa fantasia fundamental como uma espécie de escudo protetor em relação ao real do gozo. Caso a fantasia não seja instaurada, ou seja, caso haja uma falha no recalque originário, como ocorre na psicose, a pulsão de morte passa a operar de forma direta e sem freio, e é como uma tentativa de substituir a falha da instauração da fantasia inconsciente que o psicótico construirá seu delírio. O delírio é, na psicose, uma tentativa de suplência da não instauração da fantasia fundamental.

### **8. Avaliação:**

- Descreva a estruturação do aparelho psíquico, de forma a elucidar a afirmação de que o sonho é um mecanismo de linguagem.
- Cite os mecanismos presentes no sonho de Irma, com base no tópico sobre "Os mecanismos do sonho".
- Comente a frase: "O sonho é uma escritura sagrada", com base na interpretação dos sonhos.
- Explícite as diferenças entre o sonho e a fantasia, dois mecanismos psíquicos fundamentais.

## 9. Referências bibliográficas

DERRIDA, J. Freud e a cena da escritura. In: *A escritura e a diferença*. São Paulo: Perspectiva, 1971.

FOUCAULT, M. *Nietzsche, Freud, Marx*. Paris: Minuit, 1965.

FREUD, S. (1900). A interpretação dos sonhos I. In: \_\_\_\_\_. *Edição Standard brasileira das Obras psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 2006. (vol. IV).

FREUD, S. (1900-1901). A interpretação dos sonhos II. In: \_\_\_\_\_. *Edição Standard brasileira das Obras psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 2006. (vol. V).

FREUD, S. (1908). O poeta e o fantasiar. In: \_\_\_\_\_. *Edição Standard brasileira das Obras psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 2006. (vol. IX).

FREUD, S. (1911). Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental. In: \_\_\_\_\_. *Edição Standard brasileira das Obras psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 2006. (vol. XII).

GARCIA-ROZA, L. A. *Introdução à metapsicologia freudiana: a interpretação do sonho*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2000.

LACAN, J. (1954-1955). *O Seminário: Livro II – O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1987.













## Avaliação

- Descreva a estruturação do aparelho psíquico, de forma a elucidar a afirmação de que o sonho é um mecanismo de linguagem.
- Cite os mecanismos presentes no sonho de Irma, com base no tópico sobre “Os mecanismos do sonho”.
- Comente a frase: “O sonho é uma escritura sagrada”, com base na interpretação dos sonhos.
- Explícite as diferenças entre o sonho e a fantasia, dois mecanismos psíquicos fundamentais.

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---